

HISTÓRIAS DO VER, DO NÃO VER E DO TRANSVER O MUNDO EM LABIRINTOS FORMATIVOS DE PROFESSORES DE CIÊNCIAS

*Guilherme Trópia¹
Leandro Barreto Dutra²*

Resumo

Este estudo busca, baseado numa perspectiva narrativa, trilhar reflexões nos arriscados labirintos formativos de docentes com ensinamentos, ciências naturais e pedagogias. A questão que nos acompanha nas narrativas é: quais formações, ciências, linguagens, leituras, sensibilidades podem ser inventadas em uma disciplina com ciências da natureza no curso de Pedagogia? Exploramos no estudo experiências que vivenciamos como docentes da disciplina “Fundamentos Teóricos e Metodológicos e Prática Escolar em Ciências” no curso de Pedagogia da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) nas quais inventamos a vida em histórias de ver, do não ver e de transver o mundo. As experiências valorizaram leituras e escritas que não fragmentam/subordinam relações entre artefatos artísticos culturais e saberes científicos no curso de pedagogia. Acompanhamos leituras do documentário *Janela da Alma*, da poesia de Manoel de Barros e trabalhos do artista plástico Cao Guimarães. O estudo aponta uma potência criativa, inventiva com as leituras realizadas em um jogo de experimentação que tenta deslocar, escapar de uma lógica representativa ao longo dos labirintos formativos de professores de ciências.

Palavras-chave: Ensino de ciências. Formação de professores. Narrativas.

¹ Licenciado em Ciências Biológicas pela UFMG, mestre em Educação Científica e Tecnológica pela UFSC, doutorando em Ensino de Ciências e Matemática pela UNICAMP e professor do Departamento de Educação da Faculdade de Educação da UFJF.

² Bacharel em Ciências Biológicas pela UFJF, mestre em Educação pela mesma instituição. Artista circense e professor de atividades circenses na Mata Atlântica na ONG Mutirão da Meninada do Vale Verde.

Abstract

This study aims from a narrative perspective, tread reflections in risky formative mazes of teachers with teachings, natural sciences and pedagogies. The question that comes in the narratives is: what formations, sciences, languages, readings, sensibilities can be invented in a course with natural sciences in the Faculty of Pedagogy? We explored in the study experiences as teachers of the discipline “Theoretical and Methodological Foundations and School Practice in Science” at the Faculty of Pedagogy of the Federal University of Juiz de Fora (UFJF) in which we invented the life through stories of seeing, of not seeing and transseeing the world. The experiences valued reads and writes that do not fragment / subordinate relationships between cultural artistic artifacts and scientific knowledge in the course. They accompanied us the readings of the documentary *Janela da Alma*, the poetry of Manoel de Barros and work of artist Cao Guimarães. The study shows a creative, inventive power with readings performed in a trial game trying to move, escape a representative logic over the training maze of science teachers.

Keywords: Science Education. Teacher Training. Narratives.

Quem vive num labirinto, tem fome de caminhos, disse Mia (COUTO, 2009, p. 130). Foi assim, parados diante do computador que recebemos a notícia que seríamos responsáveis pela disciplina “Fundamentos Teóricos e Metodológicos e Prática Escolar em Ciências” no curso de Pedagogia da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Pulsaram ideias, questões e muitas possibilidades de caminhos a percorrer e, junto a essas pulsões, havia também angústias para o novo, pois como poderíamos arriscar ensinos, ciências e pedagogias, sendo que nas vivências docentes de ciências e biológicas nunca havíamos experimentado a educação infantil ou as séries iniciais do ensino fundamental ou qualquer atividade ligada à formação do pedagogo? Sabemos e defendemos que experiências docentes no nível de ensino da educação básica são fundamentais para compor um formador de professores, mas e agora, José? O que faríamos? Diante da situação pensamos até em solicitar a mudança de disciplina

ao departamento, mas a fome e o desejo de inventar novos caminhos nos labirintos da formação docente superaram o medo, a paralisia e a fuga. Entramos em *dédalo*.

Nas semanas seguintes ficamos com a pergunta: que formações, ciências, linguagens, leituras, sensibilidades podem ser inventadas em uma disciplina com ciências da natureza no curso de Pedagogia?

Não assumiríamos a perspectiva da falta que antecipa o tradicionalmente considerado “problema” na relação do pedagogo com as ciências da natureza: a falta de saber o conteúdo. Anteriormente a qualquer assertiva a designação de um “problema”, pensaríamos que ensinamentos e ciências da natureza seriam possíveis ser produzidos e mobilizados com o percurso formativo. A noção da falta do pedagogo em saber os conteúdos de ciências remete a um modelo educacional que está ancorado em uma visão do conhecimento científico como verdade inquestionável, em que os processos de ensino e aprendizagem são transmissões do conhecimento definido *a priori*. Assim, bastaria que no processo formativo de professores “garantíssemos” o acesso ao conhecimento em que tudo

já tem seu lugar, tudo já está dado, tudo é rotina. Já se aprendeu o que ver, quando ver e por que ver (...) Não cabem perguntas, dúvidas, surpresas, estranhamentos. (...) Não há mais espaços para (re)invenções, para experimentar outras formas de ser, porque um *eu* substância foi instaurado e desaprendemos a gostar de gente. (CHAVES, 2013, p. 39)

Queríamos sair da rotina, ver outra coisa, em outro tempo com outros motivos – e talvez, até sem motivos... Queríamos perguntar e ser perguntados, até mesmo gostaríamos de não ter as respostas prontas, de inventar, também de aprender, de estar junto ao processo de aprender a ensinar-aprender. Queríamos estranhar a Ciência e possibilitar ciências... Queríamos expandir o espaço, experimentar formas de ser outra coisa, inclusive outras gentes. O poeta Manoel de Barros (2011, p. 302) nos impulsiona quando diz que “as coisas não querem mais ser

vistas por pessoas razoáveis: Elas desejam ser olhadas de azul – Que nem uma criança que você olha de ave”. Era preciso, talvez, permitir-me ser outra coisa para estar na disciplina de outro modo: inventando ciências possíveis.

Na tentativa de deslocar formações, ensinamentos e ciências que modulam, calam, definem, restringem nossa apropriação da vida, nosso movimento no mundo, apostaríamos em movimentos com as alunas em caminhos de explorar a vida e experimentar o mundo em novos pensamentos e conhecimentos. Experimentar, aqui, estaria no sentido que

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo o que se passa está organizado para que nada nos aconteça. Walter Benjamin, em um texto célebre, já observava a pobreza de experiências que caracteriza o nosso mundo. Nunca se passaram tantas coisas, mas a experiência é cada vez mais rara. (LARROSA, 2002, p. 01)

Fomos provocados a partilhar e escutar os modos singulares de viver com/no mundo, buscando leituras, escritas, desenhos e ciências nas nossas práticas cotidianas.

Dialogando com autores (OLIVEIRA e GERALDI, 2010) nas reflexões em que formas narrativas artísticas, como a literatura e as imagens, constituem diferentes formas de contar o mundo e potencializam múltiplas realidades constituídas na sociedade, tentamos estabelecer composições entre artes e ciências na formação docente. No entanto, tentamos afastar da perspectiva dicotômica que aponta os artefatos artísticos como instrumentos para apropriação do conhecimento científico pronto, em que as artes estariam no lugar da imaginação, da invenção, do não verdadeiro, da sensibilidade para ser uma ferramenta “lúdica” às ciências que estão no domínio do racional, do real, do verdadeiro. Nessa perspectiva, os repertórios artísticos culturais apropriados como instrumentos na educação em ciências só seriam validados pedagogicamente se atendessem

ao domínio racional e válido das ciências. Não desejávamos naquele momento a tutela dessa validade e racionalidade científica.

A tensão estava no que passava quando estabelecíamos composições entre artes e ciências. Uma terrível negociação. Um assombroso encaixe. Isso implica não subordinação entre as áreas, mas possível engendramento, encantamento, poesia que toca quando não se preocupa em afirmar verdades, mas inventar modos... Existem espaços, trilhas ainda não percorridas. A fome é de caminhar e o caminho se faz caminhando. Isso é assustador!

Ao tentar inventar, naquele momento, caminhos de conhecer, lançamos uma proposta: a procura de experiências que valorizassem a multiplicidade de diferentes campos do conhecimento em leituras e escritas e que não fragmentassem/ subordinassem relações entre artefatos artísticos culturais e saberes científicos na constituição de novos olhares para os objetos, as formações, as sensibilidades, as práticas cotidianas e as relações entre saber e poder no curso de pedagogia.

Talvez o jeito fosse dar meia volta nessa conversa e partirmos para o começo dessa caminhada com algumas perguntas: Por onde começamos essa jornada? Que ciências, que literaturas, que imagens poderiam compor nossas práticas cotidianas? Não parecia coerente à proposta sistematizar um cronograma com datas e conteúdos a serem galgados, mas pensar em possibilidades, inventar labirintos. Uma série de textos e imagens e coisas povoaram os pensamentos...

Outra preocupação anterior ao início da disciplina era compormos perspectivas pedagógicas que estabelecessem composições narrativas de práticas cotidianas. Para isso, selecionamos para leitura nas primeiras aulas o artigo do professor Leandro Belinaso (GUIMARÃES, 2012) que narra sua experiência de professor em um curso de formação continuada de docentes em que “traiu” os professores participantes ao não subordiná-los a uma pedagogia explicadora, mas trilharam caminhos de escuta

de práticas pedagógicas em educação ambiental com base numa perspectiva pós-colonialista.

E se colocássemos em cena modos diferentes de ver, articulássemos à formação o cotidiano estes escorregadios, instáveis, imprecisos e amplos movimentos de tessitura e de partilha das redes de saberes e de fazeres, que se conectam intimamente nas escolas? (...) E se tecêssemos narrativas que imprimissem outros entendimentos sobre aquilo que praticamos, produzindo outras possibilidades de composição de ambientes, paisagens, lugares e mundos. (GUIMARÃES, 2012 , p. 81-82)

A leitura do artigo indicava uma possibilidade de vivenciar outros modos de formações docentes sem o movimento imperativo de reproduzir o proposto pelo professor Leandro ou de incorporar um pensamento pedagógico pós-colonial na nossa experiência. Como estudo do artigo, propomos para as alunas do curso de Pedagogia escreverem textos em que imaginavam ser uma das professoras que participaram do curso com o professor Leandro. As alunas inventaram uma série de elementos com o texto: reclamaram que a secretaria de educação havia as obrigado a participar do curso e que a cidade do curso era muito longe de onde moravam; ficaram surpresas de não receberem um material impresso e com a centralidade dos processos de escuta e de reflexão coletivos do curso; se sentiram estimuladas a repensar novas possibilidades pedagógicas em educação ambiental com aquelas que já tinham desenvolvido anteriormente em suas aulas; ficaram instigadas a se colocarem como estrangeiras em deslocar lugares-comuns que habitavam; e agradeceram muito ao professor Leandro pela oportunidade do curso. O estudo do artigo despertou curiosidade nas alunas que desejavam saber situações mais detalhadas sobre os modos como os professores e Leandro lidaram com a experiência formativa. Chegamos a cogitar enviar um e-mail ao professor Leandro solicitando mais informações. Escrevemos o texto para enviar o e-mail, mas nesse movimento entendemos que descrições

mais detalhadas poderiam modular, limitar, enquadrar modos como iríamos caminhar em escutas e cuidados da experiência na disciplina. Nas práticas educativas, ter um modelo já estabelecido, como o que poderia ser alcançado, muitas vezes nos acomoda a reproduzi-lo ou nos restringe a possibilidade de conversar com o modelo para a possibilidade de construir algo novo. O e-mail não foi enviado, mas quem sabe podemos conversar após nossa poética formativa com Leandro para partilharmos experiências?

Solicitamos às alunas um exercício de ver o que seria materializado em escritas, em histórias do ver antes de assistir ao documentário *Janela da Alma* (2002). Cada aluna tinha que, no caminho de volta para casa, narrar experiências “do que vejo voltando para minha casa?” As histórias contadas de diferentes formatos – cartas, poesia, história em quadrinhos, imagens, descrições –, escolhidas pelas alunas, remetem grande parte àquilo que o olho vê: o trânsito confuso, o ônibus cheio, pessoas correndo, shopping, capivaras, skatistas, construções e muito lixo. Percebi que as histórias do ver nas experiências compõem uma forma naturalizada da ação e que opera pela íris, pelo cristalino. Há ainda outras narrativas que deslocam o ver para sentimentos: vejo tudo e vejo nada, vejo que me perdi, me vejo preocupada... Ambas as perspectivas de experiências em que ver convergentemente e/ou divergentemente representam o retrato fiel e verdadeiro da realidade. Essas perspectivas parecem muito próximas do que se é apropriado com o sentido da visão em aulas de ciências com conhecimentos prontos e inquestionáveis e que sustentam formas naturalizadas de perceber o mundo e de experimentar a vida. Falavam, portanto, do que se passava, do que acontecia... E não do que as tocavam, do que passava com... Ainda estamos caminhando... Sair do lugar habitual é uma tarefa difícil. Gostaríamos de inventar e por hora não inventávamos nada. Só representávamos. A representação do mundo pode, por vezes, enclausurar-nos assustadoramente. Pensando na formação de professores – quão difícil é viver preso em si mesmo e não poder ver outra coisa que não o que

já foi visto... Paulo Freire (1987, p. 39) nos ajudaria a pensar quando diz que “ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão”. Seria necessária uma comunhão com a turma, para que, juntos, conseguíssemos caminhar num caminho ainda não visitado. Como fazer isso? Que metodologia usar?

Assistimos ao documentário *Janela da Alma*, de João Jardim e Walter Carvalho, que apresenta personagens com “problemas” visuais e seus modos de experimentar o mundo. Vendo e revendo, tivemos a sensação de que a questão da diferença biológica da visão impulsionava os modos como aqueles personagens inventavam e experimentavam seus mundos. Isso seria uma possibilidade interessante de discussão na disciplina com as noções de ver que foram narradas no início da disciplina. Seria uma tentativa, a invenção de um possível dispositivo³. Se o documentário servisse de dispositivo, estaríamos abrindo mil portas, mil caminhos... Onde cada um e ao mesmo tempo todo o grupo (comunhão) estaria inventando e partilhando de suas trilhas inventadas e percorridas...

A exibição do documentário foi seguida de conversas e registros escritos sobre “para onde o filme nos leva?”. Relatamos que as formas como vemos as coisas perpassam por nossas experiências, nossas subjetividades dentro de uma possibilidade de ver que é nossa. Logo uma aluna fez referência a um filme chamado *À Primeira Vista*. O roteiro desse filme é baseado no texto “Ver e Não Ver” do livro *Um Antropólogo em Marte* do neurologista Oliver (SACKS, 1995) que é um dos personagens entrevistados no documentário *Janela da Alma*. Decidimos então realizar a leitura e discussão do texto de Oliver Sacks para nos aprofundarmos na representação do ver como composição

³ O dispositivo é uma espécie de novelo ou meada, um conjunto multilinear. É composto por linhas de natureza diferente e essas linhas do dispositivo não abarcam nem delimitam sistemas homogêneos por sua própria conta (o objeto, o sujeito, a linguagem), mas seguem direções diferentes, formam processos sempre em desequilíbrio, e essas linhas tanto se aproximam como se afastam uma das outras. Cada uma está quebrada e submetida a variações de direção (bifurcada, enforquilhada), submetida a derivações. (DELEUZE, 1990, p. 155)

de nossas experiências. Estávamos abertos e atentos ao que nos passava. Parece que estávamos, agora, vivenciando uma experiência. Aquilo tocou a aluna, o que a fez partilhar suas conexões com o grupo. O grupo, por sua vez, estava interessado, também conectado a ela. Logo a ideia de ler o texto foi levantada e comungada. Era um coletivo que se instaurava naquele momento. Estávamos todos indo por uma trilha inventada. No início do plano pedagógico para a disciplina, não pensávamos que leríamos esse texto. Isso fugia do caminho e até do caminho da própria aluna que comentou o filme. Era um caminho novo que se abria. Inventávamos uma trilha no labirinto.

O texto apresentava o caso clínico de Virgil, um homem cego que é submetido a uma cirurgia e biologicamente volta a ver. No entanto, a adaptação ao exercício de ver é muito difícil e cansativa ao homem que prefere em muitos momentos ficar de olhos fechados e voltar à experiência de não vidente, chegando a perder novamente a visão no decorrer da vida. Sacks discute que ver é uma construção social, que passamos a vida aprendendo a ver todos os dias através da experiência, memória, emoção, classificação e reconhecimento incessante. Nessa representação, não é apenas o olho que vê, mas é acompanhado dos elementos apontados por Sacks para a construção da realidade e para experimentarmos o mundo. Perceber essa construção social, ou melhor, permitir que se pensasse de outro jeito que não o natural – se você tem olho, você enxerga – já era uma aprendizagem que permitiria outras novas trilhas, outros saberes... Era uma alegria.

Outra discussão acerca do documentário *Janela da Alma* foi sobre as imagens que muitas vezes aparecem no filme fora de foco. Uma aluna contou o quanto estar fora do foco ao retirar os óculos a perturba e que o documentário a fez pensar o quanto o foco e o fora do foco são produções humanas. O foco como representação correta da realidade e o fora do foco como um desvio do correto, do verdadeiro: a visão é uma construção social, cultural e histórica, aprendemos a “ver” e a enxergar de acordo com os padrões

que nos são impostos como corretos ou não da visão, do que é belo ou feio, certo ou errado... Afinal, é o mundo que está fora de foco ou sou eu que estou fora de foco?... Questionou a aluna. Desconfiamos que algo havia acontecido. A aluna estava questionando a própria ciência, pois ao perguntar se o “problema” era ela ou o mundo, ela também questiona a ciência que diz: “você tem que usar óculos para ver certo”. Era uma brecha que se rompia. Talvez a aluna começasse a transver um modo de produção de uma dada ciência, talvez...

No desenvolvimento das conversas sobre as histórias do ver, recordamo-nos da visita, meses antes, no Itaú Cultural em São Paulo, à exposição “Ver é uma Fábula” do cineasta e artista plástico mineiro Cao Guimarães. Recorremos ao livro do artista comprado na ocasião chamado *Histórias do não ver* (GUIMARÃES, 2013) em que percorre diferentes formas de narrar em imagens-textos experimentações do mundo não vendo... As histórias do ver compostas em experiências e memórias no momento anterior da disciplina poderiam dialogar com os textos produzidos por Cao Guimarães. O artista apresenta no livro uma série de narrativas produzidas a partir de convites que fez a várias pessoas para sequestrá-lo em diversas cidades do mundo. Os sequestradores vendariam os olhos de Cao e levariam uma máquina fotográfica e alguns rolos de filme. Poderiam levá-lo a qualquer lugar desde que pudesse tirar fotos de tudo sem que nada visse e só tirariam a venda após retornar ao lugar de onde saíra. A ideia era eliminar o que o artista atribui à visão como sentido tirano que enquadra a percepção da realidade. Após o sequestro, Cao escrevia pequenos textos em que expressava imagens e sensações produzidas com as experiências. As fotos seriam reveladas apenas após o sequestro como um contraponto à narrativa escrita.

Apresentamos o livro de Cao Guimarães às alunas que em grupos apresentaram os textos e imagens de cinco sequestros realizados. Ao final distribuí vinte tapa-olhos para as duplas, propus que em 15 dias um membro da dupla sequestrasse o outro e vice-versa e que produzissem narrativas e partilhassem, como Cao Guimarães, textos e

imagens de suas histórias do não ver. Essa partilha arrombou pensamentos outros...

As nossas histórias do não ver apontaram para modos singulares e experiências únicas em percepções do mundo. O medo e insegurança de não ver eram frequentes nos cinco minutos iniciais do sequestro. Era necessário acomodar um pouco a nova condição de não vidente. As referências à atenção a outros sentidos, como audição, colocados em alerta máximo na apropriação dos lugares também foram recorrentes. As imagens tiradas em não ver apresentam pouco enquadramento, pouco foco, olhares deslizantes do ambiente. Incrível identificar que uma foto capturou parte de um cartaz com a frase “Nenhuma fórmula para a contemporânea visão do mundo”. Ao se apropriar do lugar do sequestro, as sensações levavam a referências de memórias de infância e adolescência ao misturar um jogo de sentidos entre passado e presente. Desejos de descobrir qual era o lugar, de ver o lugar eram constantes e iam inventando a partir de sinais que compunham com suas experiências e memórias. A busca de produzir uma representação se filiando a uma memória representativa do lugar de olhar com olhos outros era intensa e experiências e memórias eram ativadas muitas vezes com a intencionalidade de definir uma representação e restringir sentidos possíveis do lugar não visto. A memória na produção das narrativas no percurso formativo limitava a experimentar outros lugares no exercício de não ver. Cao Guimarães também aponta que seus sentidos e suas histórias limitavam a experimentar outros lugares no exercício de não ver:

Na “experiência” o outro se encarna e é ele quem a dirige, estando o artista – segundo o planejado – sujeito aos seus caprichos incognoscíveis. A experiência da outridade (“olhar o mundo pelos olhos do meu sequestrador”), porém, é limitada pela prisão do artista em seus próprios sentidos e história. (GUIMARÃES, s.p, 2013)

O que questionamos naquele momento no labirinto formativo era se poderíamos pensar com a ficcionalização da

memória como elemento na produção-invenção-criação de narrativas de não ver, não para caminhar em pensamentos que tudo é ficção, mas para pensar sobre formas de narrar com Jacques (RANCIÈRE, 2005, p. 58) “*que torna indefinida a fronteira entre razão dos fatos e a razão da ficção*”.

A vontade de representação é a vontade da comodidade. É a vontade que temos de pensar que estamos seguros. Que sabemos das coisas. Que conhecemos o mundo e que temos o controle. Quando, mesmo que por pouco tempo, isso nos é retirado, a mistura de sensações entre medo e agonia torna-se visível, palpável. Ficamos fragilizados, nos sentimos vulneráveis. Experimentamos um lugar de não controle, de não saber... Isso é aterrorizante. Mas, ao mesmo tempo, permite-se conhecer. Explorar espaços não habitados no fora e no dentro. Experimenta-se no corpo que não conhecemos aquele lugar na sua totalidade, como achávamos que conhecíamos... Isso também nos possibilita inúmeras trilhas para viver, transver.

Caminhando com essa questão, retomamos as falas de Manoel de Barros no documentário *Janela da Alma*. O poeta diz que “(...) não acha que é pelo olho que entram as minhas coisas, elas veem, elas aparecem de dentro (...) o olho vê, a lembrança revê e a imaginação transvê.” Tomados pelas leituras de Manoel vivenciamos na parte final da disciplina histórias do transver o mundo. A aposta é que Manoel seria promissor em compor nossos pensamentos nas poéticas da criação com ensinamentos, formações e ciências. Com ele a ideia do (trans)ver nos levaria a outras formas de invenção do mundo que comporiam com as noções de que o olho vê e a experiência e memória (re)vê percorridas anteriormente na disciplina. Com ele, poderíamos inventar nossos Pantanaís com olhos, memórias e experiências inventadas.

Partimos no (re)conhecimento de Manoel por suas poesias: *Latas*, *Escova*, *As lições de R.Q.*, *O fazedor de amanhecer*, *Lacraia*, *O menino que ganhou um rio*, fomos deliciando sua poética, saboreando suas peraltagens, palavras escovadas e invenções de mundo. Fomos ouvi-lo com e sobre ele no documentário *Só Dez Por Cento É Mentira* (2010)

para então realizarmos duas atividades em histórias de transver o mundo. A primeira foi apropriada e reinventada com base na pesquisa “Quando a pesquisa e brincadeira se encontram” da professora Aline Gevaerd (KRELLING, 2012). Fizemos a leitura da poesia “O menino que carregava água na peneira” presente no livro *Exercícios de ser criança* (BARROS, 2010) e construímos peneiras de carregar água com garrafas pet, fitas, filó e outros materiais. Durante o intervalo sugerimos que fossem brincar com suas peneiras e que ao retornar iríamos conversar sobre suas experiências de peneirar água. Na volta, percebemos que algumas alunas estavam inquietas com o fato de “peneirar água” como uma possibilidade material da atividade. Ao iniciarmos as conversas peneirando água como exercício de transver o mundo, fluímos na dimensão criativa de Manoel, apesar de muitas falas ainda materializarem a peneira como algo que separa objetos... Reforçando a vontade de representação, a dificuldade para a liberdade se fazer, as ataduras do saber da Ciência...

A segunda atividade seguiu com “O menino que carregava água na peneira” e a primeira poesia do livro *Menino do Mato* (BARROS, 2010). Trabalhamos as ideias dos despropósitos do menino peralta e dos desejos de desver/transver o mundo em brincar com as palavras. Entregamos a cada aluna um vidro bem pequeno, como um vidro de perfume, com uma rolha de cortiça. As alunas teriam uma semana como última atividade da disciplina o exercício de desver/transver o mundo e capturar despropósitos para dentro do vidrinho, fechar com a rolha e trazer para a aula. Ao chegarmos à última aula, a sala estava comumente disposta em círculo, mas havia duas cadeiras no centro com um enfeite de chita, aquele era o lugar do despropósito. Em duplas, as alunas e também nós professores, pudemos narrar modos singulares de explorar despropósitos, de transver o mundo em escritas, invenções, pensamentos poéticos em ensinos, formações e ciências.

Contamos que em um dos frascos havia um pó escuro, meio amarronzado. A voz dizia que era terra de um lugar

muito especial e quem apresentou essa terra com cheiro estranho eram as crianças do bairro. A voz contou para as crianças desse bairro que ela tinha que capturar alguma coisa diferente, que fosse especial para ela, que a tocasse. As crianças mais que depressa levaram a voz para conhecer essa terra com cheiro estranho. A voz admirou. Ficou espantada com o cheiro e a textura daquela terra. Colocou no vidrinho e levou para a sala. Ao partilhar seu despropósito com o grupo, todos pediram para sentir o cheiro. Cada um que abria o frasco e cheirava a terra tinha um espanto. Alguns se entreolhavam. Uma das alunas disse:

– Isso tem cheiro de café! Isso é café, não é? Fala a verdade.

A voz sorriu! E disse:

– Isso é uma terra estranha. Também achei que tem cheiro de café. Mas quer saber a verdade? Isso é pura invenção! Pode ser café, pode ser terra... O que é para você?

Ela sorriu! No final da aula a aluna veio insistir na representação.

– Por favor, agora que acabou a aula, fala a verdade! Aquilo era café, não era?

A voz sorriu e saiu. Não disse nada, mas deixou um rombo de inquietude. O que era aquilo?

Finalizamos o texto, apresentamos um dos despropósitos lidos naquela última aula para o desejo que formações de pedagogas e pedagogos possam trilhar caminhos e histórias do ver, do não ver e do transver o mundo e também caminhar com as possibilidades propostas pela professora Sílvia (CHAVES, 2013) de “*reencantar a ciência e reinventar a docência*”:

Não sei como, mas hoje eu vi o sol rasgar as nuvens do céu
A chama de um fogo que não tinha cor,
chegou no asfalto
queimou meu pé...
vi o seu trincar sob um céu azul
azul como a brisa que tocou o meu rosto
enquanto eu...
enquanto eu via o sol rasgar as nuvens no céu, sim é isso!
vi, reví ou transvi?
Não sei, só sei que senti...

REFERÊNCIAS

BARROS, M. de. *Exercícios de Ser Criança*. Rio de Janeiro: Salamandra, 1999.

_____. *Menino do Mato*. São Paulo: Leya, 2010.

_____. *Poesia Completa*. São Paulo: Leya, 2010.

CHAVES, S. N. *Reencantar a ciência, reinventar a docência*. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2013.

COUTO, M. *E se Obama fosse africano? E outras interinvenções*. Porto: Editorial Caminho, 2009.

DELEUZE, G. *¿Qué es un dispositivo?* In: Michel Foucault, filósofo. Barcelona: Gedisa, 1990, pp. 155-161. Tradução de Wanderson Flor do Nascimento. Disponível em <<http://escolanomade.org/pensadores-textos-e-ideos/deleuze-gilles/o-que-e-um-dispositivo>>. Acessado em 28/05/2015.

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GUIMARÃES, C. *Histórias do não ver*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2013.

GUIMARÃES, L. B. Educação Ambiental, Formação Docente e Pós-colonialismo. *Poiésis – Revista do Programa de Pós Graduação em Educação (Unisul)*, v. 5, n. especial 2, p. 78-87, 2012.

KRELLING, A. G. *Quando a pesquisa e brincadeira se encontram: reinventando a poesia de Manoel de Barros no cotidiano escolar*. Campinas: Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Campinas, (Dissertação de mestrado), 2012.

JANELA DA ALMA. Direção de João Jardim e Walter Carvalho. Produção Flávio Tambellini. Copacabana Filmes, 2002. DVD.

LARROSSA, J. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Trad. João Wanderley Geraldi. *Revista Brasileira de Educação*. n. 19. jan/fev/mar/abr. p. 20-28. 2002.

OLIVEIRA, I. B. de; GERALDI, J. W. Narrativas: outros conhecimentos, outras formas de expressão. In: OLIVEIRA, I. B. de (Org.). *Narrativas: outros conhecimentos, outras formas de expressão*. Petrópolis: DP et al.: Rio de Janeiro: FAPERJ, 2010.

RANCIÈRE, J. *A partilha do sensível: estética e política*. São Paulo: EXO experimental, 2005.

SACKS, O. *Um Antropólogo em Marte*. Companhia das Letras, São Paulo, 1995.

SÓ DEZ POR CENTO É MENTIRA: a desbiografia oficial de Manoel de Barros. Direção de Pedro Cezar. Produção Artesanato Eletrônico. Biscoito Fino, 2009. DVD.

Data de recebimento: junho de 2015

Data de aceite: novembro de 2015